

Lima Barreto deixou de João Laje não um retrato, evidentemente, mas uma caricatura como tal, porém, sua fidelidade acompanha e apenas acentua os traços. É interessante lembrar que Laje, em luta permanente com Edmundo Bittencourt, proporia publicar, em folhetins de *O País*, o *Isaiás Caminha* — e quando já retratado, ou melhor, caricaturado em *Numa e a Ninfa*, proposta que Lima Barreto recusou⁽²⁵⁸⁾. Neste último romance, que o senso jornalístico de Irineu Marinho permitiu saísse nos folhetins de *A Noite*, João Laje aparece com o nome de Fuas Bandeira: “Fuas Bandeira era português de nascimento e desde muito se achava no Brasil, metido em coisas de jornal. Homem inteligente, não era nem ignorante nem instruído. Tinha a instrução e a inteligência de homem de comércio e pusera na sua atividade jornalística o seu espírito e educação comerciais. (...) Emigrado de Portugal, por motivos suspeitos, tendo recebido unicamente os princípios de educação secundária, Fuas foi, durante muito tempo, um furavidas sem felicidade. Sucessivamente guarda-livros, gerente de frontões, professor de montar em velocípedes de que era alugador, editor de pequenas revistas, concessionário de patentes que escondiam jogos de azar, um belo dia a magnanimidade de um patrício fê-lo empregado da gerência do *Diário*, mais tarde gerente e, quando o proprietário foi à Europa deu-lhe procuração em causa própria, para tratar dos negócios da empresa; e Fuas se serviu do instrumento para se apossar dos cabedais do protetor, não só dos que giravam na empresa, como dos particulares, que ele soube, com a mais requintada má fé e com a ousadia de ladrão profissional, arrancar à inexperiência de uma velha parenta do seu benfeitor e amigo, sob cuja guarda estavam. Voltando precipitadamente o proprietário, que fora prevenido do desvio dos seus bens, levado a efeito pelo seu procurador infiel, reclamou imediatamente a restituição dos haveres, sob pena de queixar-se à polícia. Fuas foi ter com o chefe de Estado que ordenou ao Tesouro fornecer-lhe os fundos necessários. Daí em diante, a sua fortuna estava feita e os seus processos de foliculário firmemente estabelecidos. Nunca mais lhe faltou dinheiro e muito sempre obteve, por este ou aquele meio escuso e cínico. (...) Todo esse dinheiro que ele *cavava*, empregava-o em aparentar

(258) “No entanto, se ele quisesse transigir, poderia ter feito a edição do *Isaiás Caminha* até com lucro. O diretor d’*O País*, João Laje, que figura em *Numa e a Ninfa* na pele do jornalista Fuas Bandeira, porta-voz do Palácio do Catete, propusera dar o romance em folhetins, publicando-o depois em volume, desde que o autor concordasse em revelar o nome dos personagens. A proposta visava, como é fácil deduzir, a redação do *Correio da Manhã*, órgão da oposição, que vivia em polémicas azedas com *O País*. Lima Barreto responderia altivamente, recusando. O seu romance era uma obra de arte e, como tal, não permitiria que servisse de instrumento a terceiros, na luta por interesses políticos ou de dinheiro”. (Francisco de Assis Barbosa: op. cit., pág. 253).